

# ARQUITETURA PAULISTA: HABITAT CONTEMPORÂNEO

Victor Martins de AGUIAR\*

Evandro FIORIN\*\*

**Resumo:** Observamos nos últimos anos pouca evolução no redesenho do espaço da habitação nos edifícios residenciais construídos pelo mercado imobiliário. Ainda que mudanças tenham ocorrido nos modos de vida, a concepção deste tipo de habitação ainda pauta-se na combinação do apartamento burguês compartimentado e no modelo “tipo”, difundido durante o Movimento Moderno. Nesse sentido, o presente trabalho busca por projetos que possam trazer uma discussão renovada com relação ao espaço da habitação multifamiliar contemporânea. Ressaltamos que os projetos aqui abordados constituem parte da pesquisa denominada: “Levantamento e Análise de Tipologias Contemporâneas de Habitação” realizada junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus Presidente Prudente, São Paulo. Desta forma, na mirada que fazemos aqui, buscamos compreender nos projetos destacados as transformações que vêm acontecendo em São Paulo.

**Palavras-chave:** projetos; habitação multifamiliar; modos de vida.

**Abstract:** Observed in recent years little progress in redesigning the space of housing in residential buildings constructed by the housing market. Although changes have occurred in lifestyles, the design of this type of housing stay still on the combination of bourgeois apartment

---

\* Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual Paulista – Campus Presidente Prudente. E-mail: victormartins56@hotmail.com

\*\* Professor Doutor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Presidente Prudente e Coordenador do Núcleo de Projetos Arquitetônicos e Urbanos. E-mail: evandrofiorin@fct.unesp.br

compartmentalized model and "type", broadcast during the Modern Movement. In this sense, the present work for projects that may bring a renewed discussion regarding the contemporary space of multifamily housing. We emphasize that the projects discussed here are part of the research entitled: "Survey and Analysis of Contemporary Housing Typologies" performed along the course of Architecture and Urbanism of the Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Faculty of Science and Technology - Campus Presidente Prudente, São Paulo. Thus, the look that we do here, we seek to understand the projects highlighted the changes that are happening in São Paulo.

**Keywords:** projects, multifamily housing, lifestyles.

## 1. INTRODUÇÃO

A habitação europeia burguesa tradicional organizava-se pela estrutura tripartite de suas áreas segmentadas pelos setores compartimentados: íntimo, social e de serviços e em uma hierarquização dos espaços, pela separação entre patrões e empregados, onde a cozinha e os sanitários eram considerados espaços de rejeição, portanto localizados nos fundos (TRAMONTANO, 1998).

Nesse contexto, as propostas do primeiro pós-guerra europeu realizadas pelo movimento moderno trataram de desestruturar ambas às disposições arraigadas a essa tradição do habitar, seja a da segmentação espacial, ou a da hierarquização.

As proposições modernas buscaram incorporar a cozinha à sala de estar, tornando estes espaços lugares privilegiados de convívio, enquanto as outras funções, paulatinamente, foram se sobrepondo, destituindo, também, a corriqueira ideia do cômodo. Tal concepção apenas foi possível pela constituição da planta livre, através da aplicação tecnológica do concreto armado no protótipo da Maison Domino de Le Corbusier, pela continuidade espacial das concepções projetuais de Mies van der Rohe, ou pelos diálogos possíveis entre os espaços internos e externos dos projetos das casas americanas de Wright, dentre outras experiências emblemáticas.

Talvez por isso, o Movimento Moderno se constituiu como o primeiro e único movimento em toda a história da arquitetura em que o desenho e a

produção dos espaços de morar foram revistos e avaliados de acordo com critérios claramente reformulados, inclusive no âmbito dos projetos de habitação social, como aponta Tramontano (1998).

Há, entretanto que pensarmos, em que medida, tais concepções foram muito apropriadas ao mercado da construção e instituídas como um meio de construção que possibilitou a disseminação de um modelo “tipo”, o qual permanece como cerne da reprodução do capital imobiliário, independentemente da resolução dos problemas da habitação de interesse social. Além disso, há condicionantes que impõem uma revolução nos espaços de morar, ditada pelos novos tempos, pelas mudanças ocorridas em função da reformulação dos núcleos familiares e pelo surgimento dos novos modos de vida – ideias que vem sendo tratadas pelo Nomads (2007).

No plano internacional, o que podemos observar são tentativas de exploração de novas possibilidades de organização do espaço da habitação pelos arquitetos do *star system*, que vão se transformando em assinaturas edificadas, mas que se conservam como casos isolados à habitação unifamiliar. Os trabalhos dos arquitetos Rem Koolhaas para a Villa D’ Ava, de 1991, em Paris, de Zaha Hadid, na Spiral House, de 1991, em Haia, e de Shigeru Ban, na House Without Walls, de 1997, em Nagano, são alguns desses exemplos, pois buscam levar às últimas consequências as ideias de continuidade espacial anteriormente trabalhadas no espaço da habitação, como destacaram Fiorin e Eichenberg (2005), mas carecem de significado, quando pensamos no problema da habitação multifamiliar e, também, na situação brasileira, especialmente se nos pautarmos pela pobreza espacial das formulações do Programa Minha Casa Minha Vida.

Nos recentes casos paulistas, a possibilidade de repensar os conceitos da habitação se deu por meio de concursos públicos de arquitetura para habitação de interesse social que ocorreram em São Paulo nos anos de 1989, 2004 e 2010, promovidos pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), a saber: “Concurso Público de Anteprojetos para Habitação Popular” (Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura do Município de São Paulo – SEHAB e Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo – COHAB-SP / Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB-SP e Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo – SASP); “Concurso HabitaSampa” (Prefeitura do Município de São Paulo / Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB-SP); e “Habitação Para Todos” (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de São Paulo – CDHU). Entretanto, nenhuma destas chances de mudança de rumo saiu do papel, a não serem as empreitadas pelo mercado imobiliário.

TÓPOS

V. 6, N° 1, p. 98 - 111, 2012

Ao que nos parece, em concordância com Eleb-Vidal et al. (1994), a ideia do apartamento da habitação multifamiliar como um loft – “um lugar onde tudo é possível” – apenas vem referendar o que há de mais “novo” no Brasil, diante das dimensões reduzidas com as quais estão sendo projetados os espaços em série das nossas cidades ou, perante um processo de customização do habitat contemporâneo, que opera sempre em função dos que podem pagar por mais esse “serviço”, sobretudo, nos bairros ricos de São Paulo. Cabe nos perguntarmos se, realmente, tais soluções são as mais adequadas para a habitação atual. Isto porque, mesmo nos casos em que o projeto prevê elementos visando uma contínua possibilidade de reorganização espacial, o resultado final acaba por incorporar o que há de mais arcaico, “o velho gosto burguês pela arquitetura que está na moda”.

Nesse sentido, no que se refere ao desenho do espaço doméstico para os novos grupos familiares em transformação, o ritmo das inovações tem sido lento em São Paulo. Há exemplos, mas poucos são postos em prática. Assim, nos reservamos a apresentar o caso paulista, em alguns projetos que possam refletir algumas das novas tipologias para a habitação multifamiliar contemporânea. Porém, cabe ressaltar que ainda está imposta uma evidente necessidade de repensar os princípios espaciais do habitar, aberto às diversas possibilidades de uso; já que os espaços estanques, demarcados e estáticos não comportam mais as nossas atividades diárias, como afirma Requena (2007).

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Em busca de novos exemplos de habitação contemporânea, realizamos pesquisas na internet, em sites especializados, com foco em projetos multifamiliares que demonstrassem iniciativas no redesenho da habitação. Além dos textos informativos e das plantas foram levantados detalhes dos projetos.

O conjunto de informações coletadas compõe a pesquisa “Levantamento e Análise de Tipologias Contemporâneas de Habitação”. Após a organização das informações, estes projetos foram sistematizados num CD-ROM, compondo um portfólio digital. Um produto acadêmico que pode ser, inclusive, acessível ao público em geral.

Nesse artigo selecionamos alguns dos projetos levantados e os analisamos de maneira a demonstrar o que tem sido produzido em termos de produção da nova habitação multifamiliar em São Paulo.

### 3. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

A construção da habitação multifamiliar em São Paulo data dos anos de 1910 e 1920, de acordo Tramontano (2006), as quais eram habitadas por inquilinos menos ricos, quando comparados à burguesia cafeeira, que vinha trocando as propriedades rurais, no interior do estado, pela visibilidade e o refinamento de palacetes urbanos. Atraídos pela imagem de um modo moderno de habitar, os apartamentos foram adquiridos, sobretudo, somente nos anos de 1930, por uma parcela mais culta e mais abastada da população e repetiam em suas plantas as soluções das casas térreas. Com a promulgação da Lei do Inquilinato, logo no início da década 40, a construção de apartamentos para aluguel deixava de ser interessante aos investidores, que preferiram se concentrar em obras destinadas às classes mais altas, comercializando propostas que enfatizavam a infraestrutura e a localização da edificação.

Apartamentos espaçosos foram construídos nas proximidades da Avenida Paulista nos anos de 1950, combinando, em determinados casos, habitações, comércios e serviços como o Conjunto Nacional, do arquiteto David Libeskind e o edifício COPAN, de Oscar Niemeyer e colaboração de Carlos Alberto Cerqueira Lemos, que possui 1.160 apartamentos distribuídos em seis blocos, sendo um dos primeiros a comercializar unidades conhecidas como kitchenettes. As diferentes tipologias no edifício COPAN são distribuídas por blocos, de modo que o Bloco A possui 64 apartamentos de dois dormitórios, os Blocos C e D 128 apartamentos de três dormitórios e os Blocos B, E e F 968 apartamentos kitchenettes e de um dormitório.

Forçados a buscar eficiência e produtividade, em virtude do crescimento da demanda, construtores e investidores reviram o produto que ofereciam e, na década de 70, adotaram como estratégia o conceito de edifício “tipo”, sendo estes ofertados para todos os bolsos, em diferentes bairros, impulsionando o processo de verticalização da cidade. Nessa medida, com as sucessivas crises econômicas dos anos de 1980 o mercado imobiliário se concentrou, por um lado, em oferecer apartamentos bem

simples para as classes menos favorecidas, enquanto por outro, modelos dotados de itens de luxo e segurança, para os que podiam pagar mais.

De lá para cá, com o aquecimento do mercado imobiliário em São Paulo, o que podemos perceber é uma sucessiva diminuição das metragens quadradas do espaço da habitação em edifícios multifamiliares e a criação de diferenciais que servem apenas para “vender” uma imagem modernizada e customizada da vida contemporânea. Isto porque, mesmo nos casos em que, atualmente, o projeto prevê divisórias móveis ou removíveis, o resultado final acaba por incorporar peças de mobiliário convencional, constituindo espaços fixos, dificultando ou mesmo excluindo as possibilidades de realizar novas atividades em um mesmo espaço, como atenta os dados levantados pelo Nomads (2007).

Apesar disso, nos propomos aqui a destacar alguns projetos construídos e outros idealizados em concursos de arquitetura em São Paulo, de modo a observar algumas mudanças que podem estar sendo gestadas para pensar o novo habitat contemporâneo.

### 3.1. ALGUNS EXEMPLOS PAULISTAS

A combinação de tipologias diferenciadas está presente no edifício Fidalga 727 do escritório franco-brasileiro Triptyque, construído em 2009 na Vila Madalena. O edifício possui tipologias de casas, lofts, apartamentos e coberturas de 79 a 281 m<sup>2</sup>, organizadas de acordo com uma variação linear e não modular e permitindo diferentes divisões internas que se refletem no posicionamento das aberturas, que jamais se repetem (Figura 01 a). Cada unidade, ao todo onze, possui planta livre e acesso individual por passarelas. A fragmentação do edifício em três partes visa à integração do térreo, composto por uma pequena praça, e à circulação vertical. Este aspecto é possível, uma vez que a primeira torre, composta por 4 apartamentos, é suspensa por pilares em forma de X, de 6 metros de altura, permitindo que o pavimento térreo permaneça em contato com a rua. Ao invés de grades, vidros promovem a separação entre o espaço interno e externo.



**Figura 01 – a.** Imagem do edifício Fidalga 727, Triptyque. A fragmentação do edifício Fidalga 727 em três partes tem como intuito integrar a área de convívio aos espaços de circulação vertical e horizontal; **Figura 01 – b.** Planta do edifício Fidalga 727, Triptyque. A tipologia loft com um ou dois dormitórios possui no centro o terraço, organizando a disposição dos ambientes.

**Fonte:** <http://www.archdaily.com/103358/fidalga-727-triptyque/>, 2012.

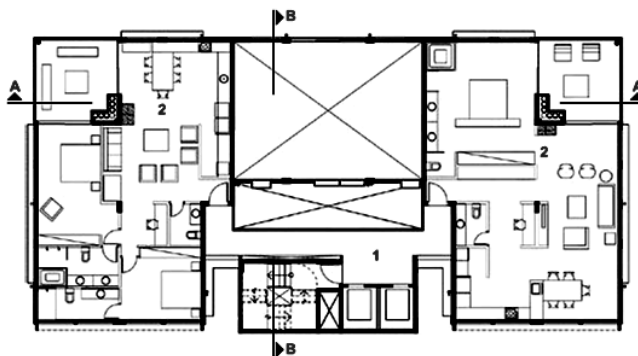
Os apartamentos com apenas um dormitório concentram a área de higiene e a cozinha bem próximas, enquanto no centro da planta está o terraço, e nas extremidades a área de convívio e o dormitório. Na tipologia com dois dormitórios, com área semelhante à anterior, o posicionamento do terraço no centro da planta faz diferir a dimensão da área de higiene, enquanto a posição da área de convívio é substituída por outro dormitório e integrada à cozinha (Figura 01 b).

Com apenas um dormitório, a tipologia dúplex possui, no térreo, a área de convívio e a cozinha, enquanto, no piso superior, localiza-se o dormitório e a área de higiene. Verificamos em todas as tipologias que a área de serviço está posicionada na entrada das unidades, ao lado do lavabo.

Nesse caso, a estruturação visual do edifício no contexto da paisagem paulistana é bem diversa, apesar de ser destinado a um público considerado de Classe A. Interessante ressaltar que os edifícios com essa imagem diversificada, como o Fidalga 727, caíram no gosto dos empreendedores imobiliários, como é o caso da incorporadora Idea!Zarvos, visto que o processo de customização realizado pelo cliente pode engendrar um faturamento maior na hora de sua comercialização.

O objetivo da incorporadora é construir edifícios contemporâneos contrários da produção atual marcada, sobretudo pela replicação do estilo neoclássico e de atrativos característicos de um condomínio clube. Para

alcançar tal objetivo, os edifícios são projetados por arquitetos e escritórios como: Isay Weinfeld; Pedro e Lua Nitsche; Gui Mattos; Andrade Morettin e Grupo SP, os quais buscam incorporar as atuais necessidades dos moradores aos projetos ditos “assinados”. Os edifícios residenciais apresentam variação de tipologias e número reduzido de unidades. Alguns projetos permitem, inclusive, usos mistos, tais como: habitação, serviços e comércio, além de não possuírem salões para festas ou espaço gourmet e as vagas na garagem não são tão limitadas como em outros empreendimentos.



**Figura 02** – Planta do edifício 4x4, Gui Mattos. No edifício 4x4 os apartamentos térreos ocupam as duas laterais na planta tipo, enquanto na posição central está o dúplex. **Fonte:** [www.arcoweb.com.br/arquitetura/gui-mattos-edificio-residencial.html](http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/gui-mattos-edificio-residencial.html), 2012.

Um dos primeiros edifícios da incorporadora Idea!Zarvos, concluído em 2008 no bairro de Pinheiros, foi o 4x4 do arquiteto Gui Mattos, o qual possui oito andares somando 20 unidades, em duas tipologias, de apartamentos térreos e dúplex, que variam de 63 a 225 m<sup>2</sup>. As unidades, construídas no módulo 4x4, foram distribuídas em U, com o núcleo de circulação vertical fechando o andar (Figura 02). Para auxiliar os moradores foram elaborados 15 layouts, tendo em vista que as unidades não possuíam ambientes delimitados. Para permitir diferentes distribuições espaciais, além de determinadas instalações serem externas, os caixilhos apresentavam peças para a fixação de paredes de gesso acartonado, sem diferenciação nas aberturas.

Entretanto, no projeto do edifício 360° do arquiteto Isay Weinfeld, em construção, no bairro de Altos de Pinheiros pela mesma incorporadora, não



se verifica tal flexibilidade. Com suas quatro elevações conformadas por volumes “contêineres” que se conectam a estrutura criando um ritmo assimétrico, a diferença entre as unidades se resume, basicamente, a metragem, 130, 170 e 250 m<sup>2</sup> (Figura 03 a). O projeto também se destaca devido ao vão de 11 metros de altura sobre um espelho d’água e pela dimensão dos terraços, que buscam se assemelhar ao quintal de uma casa térrea – no caso da tipologia de 250 m<sup>2</sup> é superior a 60 m<sup>2</sup>.



**Figura 03 – a.** Imagem do edifício 360°, Isay Weinfeld. Com três opções de tipologia o edifício 360° busca garantir a todos os espaços uma vista para a cidade; **Figura 03 – b.** Planta do edifício 360°, Isay Weinfeld. A tipologia de 130 m<sup>2</sup> mantém a recorrente disposição dos dormitórios e da cozinha nas extremidades da planta. **Fonte:** <http://www.edificio360.com.br>, 2012.

Vencedor na categoria residencial do prêmio internacional Future Project Award e do Overall Winner, da Revista inglesa Architectural Review, em 2009, os espaços das tipologias do edifício 360° são definidos mantendo a ideia de cômodo para a organização dos usos, impedindo sua configuração de acordo com a pluralidade dos moradores. A transformação de um dormitório em escritório ou a abertura da cozinha são os únicos aspectos que permitem diferenciar as suas unidades. Nas tipologias de 170 e 250 m<sup>2</sup> (cobertura) observamos o posicionamento, nas extremidades, da área de convívio e dormitórios, enquanto no centro estão a cozinha e a área de serviço. Já na tipologia de 130 e 250 m<sup>2</sup> os dormitórios e a cozinha estão nas extremidades e, no centro, aparece uma área de convívio (Figura 03 b). Em ambas as tipologias os espaços são acessíveis por meio de um corredor e o

posicionamento da área de convívio se integra ao terraço. Cabe ressaltar que, na planta da tipologia de 250 m<sup>2</sup>, apesar de não existir acessos diferenciados entre patrões e funcionários, verificamos um dormitório para empregados.



**Figura 04** – Planta do edifício Aimerê, Andrade Morettin. As unidades no edifício Aimerê apresentam plantas livres possibilitando, como é o caso do segundo pavimento, que os espaços sejam integrados ou compartimentados. **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br/35386/edificio-na-rua-aimbere-andrade-morettin-arquitetos/>, 2012.

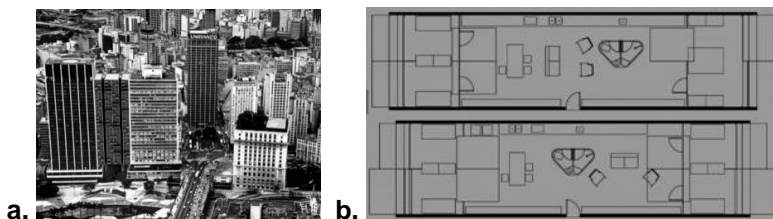
Semelhante ao edifício 4x4, o projeto do Aimerê 1749, do escritório Andrade Morettin, construído em 2008, no bairro de Sumaré, possui doze unidades com áreas entre 95 a 215 m<sup>2</sup> e plantas livres. Dentre suas tipologias estão: duas casas, sete lofts, um apartamento e duas coberturas. Como sugestão de layout das casas a área de convívio e a cozinha são separadas por um terraço e no pavimento superior se encontram o único dormitório e a área de higiene. A tipologia loft dúplex mantém a mesma organização, porém em alguns casos não possui o terraço. No centro da planta verificamos o posicionamento da cozinha e da área de higiene, que na tipologia loft térreo, dependendo da metragem, possui dois dormitórios (Figura 04). A presença de um sanitário para empregados está presente na maioria das tipologias. A configuração do Aimerê resulta em uma espécie de quebra-cabeças edificada, um desenho tridimensional, que busca dinamizar o conjunto atraindo para si a ideia da novidade formal (Figura 05). Suas várias possibilidades de customização da habitação o tornam um projeto emblemático, especialmente por abrigar várias tipologias em um único empreendimento enviesado e entrecortado por vãos. Assim, o seu jardim de entrada representa uma espécie de respiro, tanto para o edifício

quanto para a rua, configurado a partir dos planos inclinados que dão forma as suas características espaciais diversas.



**Figura 05** – Imagem do edifício Aimberê, Andrade Morettin. Os vazios constituídos por extensas varandas na elevação nordeste do edifício permitem a incidência da iluminação nos espaços internos. **Fonte:** <http://ideazarvos.com.br>, 2012.

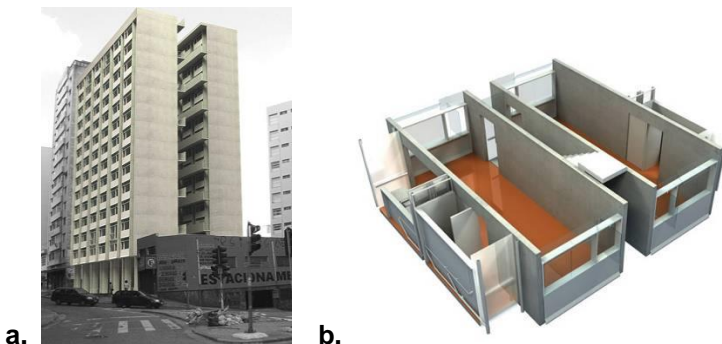
Outras propostas de edifícios residenciais paulistas buscam questionar o valor da moradia, apresentando como solução a adoção de elementos pré-fabricados, como o projeto não executado Continente Móvel, de 2006, do escritório MMBB (Figura 06 a). O piso, teto e as paredes longitudinais delimitariam a área de 100 m<sup>2</sup> da unidade passível de inúmeros layouts. O piso elevado suportaria as tubulações hidráulicas, enquanto as paredes as tubulações elétricas. O destaque do projeto seria o conjunto de dois pares internos de caixilhos pivotantes instalados nas extremidades, os quais balizariam os limites do espaço do volume longilíneo. Desse modo, nas extremidades poderiam existir dois dormitórios, ou uma área de trabalho (Figura 06 b). Já o módulo sanitário seria um artefato industrial, de fácil instalação e transporte, permitindo sua disposição aleatória no interior do apartamento.



**Figura 06 – a.** Inserção do edifício no centro de São Paulo com o propósito de promover o readensamento populacional; **Figura 06 – b.** Planta Continente Móvel, MMBB. A área de 100 m<sup>2</sup> (20,00 x 5,00 m) permitiria organizar o espaço interno de maneiras variadas. **Fonte:** <http://www.mmbb.com.br/projects/details/21/5>, 2012.

Nessa proposição são levadas às últimas consequências as ideias de flexibilidade espacial, transformando o espaço do apartamento em um lugar passível de ser adequado às diversas necessidades dos moradores. Além disso, há uma preocupação em questionar a atual dinâmica de transformação da habitação em produto, do apartamento despido de uma proposta padrão agregado ao alto custo de sua customização.

Também com esse propósito de questionamento, o projeto do Grupo SP para um Concurso da Nossa Caixa, de 2004, não executado parece ser bastante emblemático, pois propõe um sistema de módulos pré-fabricados, constituídos por uma peça no formato “U” (Figura 07 a). A adoção deste módulo reduziria os custos da construção, tornando os apartamentos acessíveis a grupos diversificados como: jovens, casais sem filhos, divorciados e idosos, pois, possivelmente, estes seriam o público alvo – já que possuiriam apenas um dormitório (Figura 07 b).



**Figura 07 – a.** Imagem do edifício para o Concurso da Nossa Caixa, Grupo SP. No Concurso o projeto se orientou em propor uma nova tipologia para a habitação social distinta da produção pública ou privada das últimas décadas; **Figura 07 – b.** O emprego de módulos pré-fabricados visava reduzir custos, de modo que a união entre uma peça no formato “U” e a peça hidráulica constituiria uma unidade. **Fonte:** <http://gruposop.arq.br/>, 2012.

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Num contexto onde surgem novos grupos familiares o redesenho do espaço doméstico é desafiador.

Algumas das iniciativas observadas aqui se preocuparam, além de atender a essa nova realidade, gerar novos espaços capazes de compor efeitos multiplicadores na dinâmica da cidade. Se por um lado, alguns têm como objetivo atrair investimentos imobiliários e angariar clientes endinheirados, outros buscam uma maneira viável de repensar o espaço da habitação multifamiliar contemporânea. Devemos destacar que produtos imobiliários enfatizando a “planta” conforme as necessidades do morador são verificadas desde a década de 40, como é caso do edifício Prudência de Rino Levi no bairro de Higienópolis em São Paulo, que oferecia opções de apartamentos flexíveis de 400 m<sup>2</sup> com área de convívio aberta e até cinco dormitórios.

No caso da iniciativa privada há uma “tendência” da valorização dos edifícios de arquitetura assinada, pois estes representam supostamente a renovação estética, se comparados a grande parte dos apartamentos disponíveis no mercado. Ainda que alguns moradores desconheçam a autoria do projeto, o marketing, presente em anúncios de jornais, revistas,

sites e redes sociais o associa a uma valorização futura, devido enfatizarem a “qualidade” da arquitetura sugerindo, até mesmo, “novos modos de vida” a partir de suas representações gráficas, o que não necessariamente se verifica na realidade.

Porém entendemos que nos casos analisados surgem na realidade desenhos de propostas alinhadas às novas condicionantes contemporâneas, que embora mantenham o ideário do mínimo espaço se distanciam do racionalismo do passado, quando os espaços simplesmente se empilhavam no sentido vertical buscando a maior rentabilidade por unidade construída.

Em alguma medida, os exemplos aqui destacados contribuem para a criação de espacializações que buscam promover a construção de áreas livres coletivas e, as individuais, compostas de maneira a formar terraços que promovam maior dinamismo aos volumes edificados. Partidos que, possivelmente, buscam por tentativas de eliminar a monotonia dos grandes blocos multifamiliares de habitação tão característicos do Movimento Moderno. Desta forma, compete a nós, como estudantes ou arquitetos, extrairmos de cada uma das propostas descritas os aspectos relevantes, para orientar o redesenho do habitat contemporâneo frente aos novos modos de vida.

## 5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. M.; FIORIN, E. **Habitat contemporâneo: levantamento e análise de tipologias de habitação**. Presidente Prudente, UNESP, 2011. CD-ROM.

ELEB-VIDAL, M.; CHÁTELET, A. M.; MANDOUL, T. La flexibilitat com a dispositiu. **Quaderns**, Barcelona, n. 202, p. 98-106, 1994.

FIORIN, E.; EICHEMBERG, A. T. Habitação contemporânea: o conceito de continuidade espacial levado às últimas consequências. **Mosaico**, Votuporanga, n. 3, p. 25-28, jan./ jul. 2005.

NOMADS. **97\_07**: dez anos de morar urbano no Brasil. Relatório de pesquisa. 33 f. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. Disponível em: <[http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/97\\_07final.pdf](http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/97_07final.pdf)>. Acesso em: 26 de agosto de 2011.

REQUENA, C. A. J. **Habitar híbrido:** interatividade e experiência na era cibercultura. 147 f. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

TRAMONTANO, M. **Paris, São Paulo, Tokyo:** novos modos de vida, novos espaços de morar. 399 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TRAMONTANO, M. **Apartamentos, arquitetura e mercado:** estado das coisas. 10 f. In: Oficina Verticalização das cidades brasileiras, São Paulo, 2006. Disponível em:

<[http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/artigo\\_tramontano.pdf](http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/artigo_tramontano.pdf)>. Acesso em: 17 de setembro de 2011.